

A concepção predominante no campo da Psicologia acerca da adolescência é atravessada pela universalização e patologização dessa fase da vida, tida como naturalmente turbulenta e caracterizada por crises e desequilíbrios atribuídos ao funcionamento psíquico dos adolescentes.

A necessidade de se superar essa visão naturalizante, bem como de se atentar para a dimensão social e histórica da adolescência, consiste em um dos aspectos centrais deste livro, em que se apresenta a versão de jovens alunos de classes populares sobre sua experiência escolar.

A relevância deste livro consiste na articulação entre adolescência e escolarização, tema pouco desenvolvido na área de Psicologia Escolar, bem como no questionamento da concepção hegemônica no campo da Psicologia sobre a adolescência; a partir de uma perspectiva crítica em que se enfatiza a constituição social e histórica dos fenômenos, em oposição à sua naturalização.

Adolescência E ESCOLARIZAÇÃO

numa Perspectiva Crítica em Psicologia Escolar

Ana Karina Amorim Checchia

ALUS - Acervo - FE



20500080469

X



73029

O que Dizem os Jovens Alunos

Eles [adultos] pensam que tudo que a gente vai falar é coisa que... sabe? Coisa besta, coisa que não tem nenhum valor! Mas pode ter muito mais valor do que eles pensam!

(Janaína, 4º Encontro)

Janaína, Denis, Adriana, João, Cristina, Jhonatan, Tamara e Evaristo são jovens alunos de uma escola pública em São Paulo, que apresentam sua versão sobre a experiência escolar na adolescência.⁵⁸ Esses jovens opinam sobre a condição de alunos adolescentes, a relação com os demais participantes do contexto educacional e os sentimentos relativos à vivência do dia a dia na escola; fazem críticas e propostas referentes à educação escolar e elaboram um documento como um meio de expressão, a fim de transmitir uma mensagem para a sociedade.

A condição de alunos adolescentes

Ser adolescente

Janaína: “Eu acho ótimo. Por causa que é assim: é a fase que você sai com seus amigos, você conhece pessoas novas. É a fase de descobrir tudo que você não sabia antes”.

(1º Encontro)

58. Os nomes citados são fictícios, assim como os de todas as pessoas mencionadas ao longo do livro, cujos nomes originais foram substituídos (pela pesquisadora) por pseudônimos.

Denis: “Quando você quer sair, assim, tem que depender do seu pai, da resposta que ele der. Isso é ruim... É de dinheiro, também”.

João: “Eterno prisioneiro!”.

Adriana: “A minha mãe fala: ‘Enquanto você tiver na minha casa, você vai fazer o que eu mandar’”.

Janaína: “Isso aí é horrível!”.

Adriana: “Aí elas falam: ‘Quando você tiver seus 18, 20 anos, arruma seu emprego, compra sua casa e vai viver sua vida!’”.

(1º Encontro)

Os alunos referem-se à adolescência como uma fase que envolve descobertas, diversão, amadurecimento, desafios, responsabilidade e dependência em relação aos pais. Em seu discurso, explicitam que ser adolescente implica: vivenciar novas experiências, incluindo as que dizem respeito à sexualidade; divertir-se com os amigos, os laços de amizade são intensamente valorizados pelos alunos (de modo geral, ao se referirem aos momentos de descontração e lazer, destacam atividades ligadas a esporte, música e cinema, além de festas e passeios a shoppings ou à casa de amigos) e amadurecer, desenvolvendo-se física e mentalmente. Esses seriam, segundo os alunos, aspectos positivos envolvidos nesse processo: “O bom é que vai amadurecendo, entendendo mais a vida...”/ “Ficar numa rodinha com seus amigos, conversando, zoando...”/ “As garotas...” (Cristina, Janaína e João – 1º e 3º Encontros).

No entanto, esses jovens ressaltam que, na adolescência, também se apresentam desafios como a inserção em uma sociedade violenta e competitiva, na qual devem cuidar de si próprios, sem mais contar com a proteção direta dos pais, e esforçar-se para começar a conquistar seu espaço no mercado de trabalho.

Em seu discurso, os alunos enfatizam, ainda, a questão da responsabilidade. Esse termo é proferido pelos jovens, tanto no sentido de “qualidade ou condição de responsável”⁵⁹, quanto no que se refere a compromisso, cargo ou tarefa. Com relação ao primeiro significado, os adolescentes salientam que têm responsabilidade, opondo-se ao que consideram consistir na imagem socialmente difundida sobre os jovens,

59. De acordo com o *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (Ferreira, 2004).

vistos como irresponsáveis. Nesse momento, o conceito em questão será vinculado à ideia de compromisso, conforme se demonstra a seguir.

Alguns jovens iniciam o discurso a respeito desse tema, afirmando que os adolescentes não teriam responsabilidades ou compromissos, de modo que ocupariam seu tempo com atividades de lazer ou descanso: “Eu acho que a adolescência é a melhor fase que a pessoa passa. [...] Porque... sei lá. Sem responsabilidade...”/“É. Só jogo bola todo dia!”/ “[Por enquanto] É só vida boa, soneca toda tarde...” (Adriana, Denis e Jhonatan, 1º e 3º Encontros).

No entanto, ao longo da discussão sobre esse assunto, os alunos (incluindo os citados anteriormente), enfatizam que os adolescentes têm responsabilidades, porém, suas obrigações são distintas das dos adultos: enquanto aqueles devem estudar, apresentar um bom desempenho na escola e ajudar nos serviços domésticos, os adultos devem trabalhar para garantir sua sobrevivência e/ou de sua família. Nesse sentido, consideram que a saída da adolescência e a entrada na vida adulta se estabelecem quando se “começa a sustentar a casa”, ou seja, quando se tem como responsabilidade a obrigação de manter financeiramente a si próprio e/ou à família.

A questão do trabalho na adolescência também é abordada pelos jovens ao se referirem ao emprego, tanto como um meio de obtenção de um salário para seu usufruto, um modo de adquirir certa independência financeira, quanto como uma forma de contribuir para a arrecadação do orçamento familiar: “É bom trabalhar porque a gente começa a ter mais independência e responsabilidade, né? Ter as nossas coisas..., porque, senão, pra comprar um sapato precisa falar: ‘Pai, compra?’ e ele fala: ‘Ah, não. Não tenho dinheiro’. Pô, é chato!” (Tamara – 3º Encontro). Ao considerar uma de suas preocupações, a obtenção de um emprego, cuja necessidade se intensifica diante da situação de pertencerem às classes populares (por ser um meio de auxiliar o pagamento das despesas da família, tal como evidenciam), os adolescentes salientam que a aquisição de um emprego na adolescência é dificultada pela imagem socialmente atribuída aos jovens, vistos como irresponsáveis e displicentes.⁶⁰

Janaína: “Acho que nossa grande preocupação é o emprego; é porque você quer ajudar sua família...”.

60. A questão referente à imagem socialmente difundida sobre os adolescentes consiste em um relevante tema, que será aprofundado posteriormente.

Tamara: “A gente que é pobre... tem que ficar aqui ajudando, batalhando...”

(1º Encontro e Entrevista)

Adriana: “Aham que nós somos novos, não sabemos trabalhar, não temos capacidade de ter a responsabilidade de um emprego, prefere dar emprego para os mais velhos, que têm coisas pra pagar; [que] o adolescente só quer saber de roupa, calçado, shopping, festa”.

(1º Encontro)

Outro elemento ressaltado pelos alunos consiste na dependência para com os pais. Ao serem questionados acerca dos aspectos negativos da adolescência, fazem alusão, de imediato, a esse tema, reportando-se tanto à dependência financeira, quanto à falta de autonomia ou à submissão a ordens e limites estipulados pelos pais ou responsáveis. Embora um aluno tenha destacado que, na adolescência, se começa a conquistar certa liberdade: “[Eu vou falar do que tem de bom em ser adolescente]. Meu pai já tá deixando do meu pé, já tá liberando dinheiro na mão. Dá pra namorar mais...” (Jhonatan – 2º Encontro), tal dependência é forte alvo de críticas por parte dos demais jovens do grupo:

João: “[...] Porque tem que sair pra balada, de ‘rapel’, de casa, assim: pendurado na cordinha [...], fugindo!”

(Entrevista)

Adriana: “Eu nunca saio de casa; é difícil! Eu queria vir aqui no (?) e ela: ‘Ai, minha filhinha, você nunca saiu de casa, por que vai sair agora?’ Eu nunca vou crescer pra ela. Eu nunca vou ter idade suficiente pra poder sair pra uma balada...”

(1º Encontro)

Conforme se pode notar no trecho anterior, o tema da dependência associa-se a uma relevante questão presente no discurso dos alunos: a vivência dessa fase como um momento de transição entre a infância e a vida adulta. Com relação a esse aspecto, os adolescentes fazem alusão à ideia de que são tratados como crianças em situações nas quais se endossa

a dependência para com os pais, ao passo que deixam de ser considerados como tal diante de certas obrigações.

Ou seja, segundo os jovens, ao serem impedidas as saídas à noite e restritos o horário em que devem retornar a suas casas e o acesso ao dinheiro (cuja limitação se baseia, de acordo com os alunos, na imagem de que o jovem não seria capaz de utilizá-lo de forma responsável), passam a ser vistos como crianças, tendo sua autonomia cerceada. Porém, nos momentos em que lhes é designada a execução de determinadas funções (como atividades domiciliares, por exemplo) deixam de ser considerados crianças; é possível inferir que, em tais circunstâncias, lhes são exigidos compromisso e responsabilidade, características socialmente vinculadas aos adultos:

Denis: “Mas tem hora que tratam o adolescente como criança; só pode sair até meia-noite!”

Janaína: “É, daí dá raiva!”

Karina: “[...] Então, pra que coisas vocês são crianças?”
Juntos: “Sair!”

Denis: “Dizem que o adolescente não pode ter dinheiro na mão porque não vai saber gastar. Lógico que vai saber!”

Karina: “E em que casos vocês não são crianças?”

Denis: “No dia das crianças! Não ganhei nada!”

Janaína: “Pra fazer as coisas [obrigações]. Na hora de fazer alguma coisa, ninguém é criança, mas na hora de sair, todo mundo é criança!”

Karina: “E o que vocês acham disso?”

João: “Injustiça! [...] Ou é criança ou não é criança!”

(1º Encontro)

Um aspecto importante a ser destacado no discurso dos jovens consiste em suas considerações sobre da imagem que lhes é socialmente atribuída. Ao se referirem à visão dos adultos (ou da sociedade em geral) a respeito dos adolescentes, estes explicitam a ideia de que são vistos, predominantemente, como vândalos, vagabundos, irresponsáveis, revoltados e “aborrecentes”: “aborrecidos com tudo” e que “aborrecem [a] todos” (Janaína e João, 3º Encontro). Dessa maneira esses alunos enfatizam uma visão pejorativa sobre os jovens na perspectiva da sociedade, que lhes atribui características associadas à violência, displicência, ociosidade, rebeldia e imaturidade:

Karina: “Que ideias, que imagem vocês acham que as pessoas na sociedade têm sobre os adolescentes? As pessoas pensam: ‘o adolescente é...?’”.

Denis: “Vândalos”.

Adriana: “É, exatamente”.

Janaina: “Vagabundo, que não quer fazer nada, só quer vida boa”.

Adriana: “Quer tudo na mão”.

Janaina: “É, eles pensam isso. A maioria das pessoas”.

Karina: “E vândalo, assim, como...?”.

Denis: “De quebrar, de brigas”.

Adriana: “Pichações. [...] [E] falam que [...] adolescente é revoltado”.

(1° Encontro)

João: “[Os adultos pensam que adolescente é] Tudo de ruim! [...] Irresponsáveis!”.

Cristina: “Aborrecente! [...] Que faz tudo errado, não tá nem aí pra nada”.

Jhonatan: “Só gasta dinheiro pra ir pra festa...”.

(2° Encontro)

Associada a essa imagem, está a ideia, exposta pelos adolescentes, de que suas afirmações e opiniões costumam ser menosprezadas ou desconsideradas pelos mais velhos, isto é, de que há uma tendência a *não se ouvir o que eles têm a dizer*. A necessidade de serem escutados é bastante enfatizada pelos jovens, e é, também, evidenciada em seus discursos nos momentos em que se referem aos encontros em grupo (realizados ao longo da pesquisa em questão) como uma rara oportunidade de expressão.⁶¹

Por isso, ressaltam a importância de se propiciarem espaços de discussão em que possam exteriorizar seus pensamentos, debater diversos temas

61. “Por causa que muita gente não ouve a gente, aí uma pessoa [pesquisadora] vem e fica perguntando. É legal./A gente discutiu um assunto que hoje em dia tá muito interessante pra gente, porque os adultos falam muito da gente e a gente não gosta.../Ah, porque a gente teve a chance que a gente queria de poder expressar tudo o a gente queria.../Porque qualquer adolescente gosta de falar o que pensa, tem assunto pra debater, pra discutir, mas não tem com quem discutir.../Acho que foi bom. Ainda mais pra fazer um ‘livro’ [dissertação]; acho que vai dar uma oportunidade boa pra os adolescentes se explicar, pra falar que a gente não é ‘aborrecente’!” (Entrevistas).

e refletir sobre eles (tais como a experiência escolar, adolescência, sexualidade, violência e política). Enfim, esse problema da não escuta e do descrédito dado aos adolescentes pode ser observado por meio das seguintes afirmações:

João: “O problema é que a gente não é levado a sério!”.

Cristina: “Ah, porque muitas pessoas criticam o adolescente, né?... Muita gente critica...”.

(2° Encontro)

Janaina: “E muitas vezes as pessoas não ouve nossa opinião. [...] Eu não sei te explicar. Por exemplo: você quer a opinião de uma coisa, aí você começa a falar lá, aí ninguém quer saber, porque você é adolescente, sabe? Não ouve o que você tem pra dizer. Aí se vai outra pessoa adulta, eles ouvem! Aí é ruim, também!”.

Adriana: “O mais velho fala a mesma coisa que você falou, só que em outras palavras, aí: ‘Ai, é isso mesmo!... e não sei o quê!’ [...] Aí eles acham: ‘Você é adolescente, não sabe nada da vida, quer dar palpite, por quê?’; ‘Nunca passou por [sacrifício na vida] nenhum’”.
Karina: “Por que vocês acham que isso acontece? O que passa na cabeça das pessoas quando não estão nem aí pra o que o adolescente fala?”.

Adriana: “Acho que porque eles também nunca foram ouvidos”.

João: “[Acho que o adolescente é] inexperiente”.

Janaina: “De vez em quando o adolescente tem mais experiência que algumas pessoas, tem muito mais experiência..., não que já passou, só de ver o que tá acontecendo”.

(1° Encontro)

Tamara: “É verdade isso de a gente não ser ouvido! Eu acho que eles pensam que a gente é muito besta, que a gente não tem nem responsabilidade!”.

(Entrevista)

Ainda no que concerne à visão pejorativa sobre os adolescentes, os alunos se reportam a estereótipos vinculados à imagem socialmente atribuída

a jovens de classes populares. Em seu discurso, evidenciam a ideia de que são vistos como marginais (ou como “menores” infratores) ou usuários de drogas e narram situações em que foram alvo de preconceitos relativos a sua classe social associados à condição de adolescentes:

João: “A polícia acha que os jovens são tudo marginal! Só eu já fui enquadrado umas três vezes! [...] É humilhante a polícia te enquadrar só pelo jeito que você é, só pela roupa que você veste...”

Janaína: “Eles já enquadraram e chegam procurando se você tem droga! Só porque você é adolescente?! Só porque... sabe? Pensa que todo mundo usa isso?”

Tamara: “[...] Por exemplo, se você [adolescente] faz alguma coisa, o repórter fala ‘Você usa droga? Você faz isso?’ Você vê muito aí na... ‘Cidade Alerta’... Eles falam: ‘Marginal é isso. Tá vendo? É um ‘menor’!! [...] [Se o adolescente não se veste bem, já pensam] ‘Ah, é favelado! É maconheiro!’ [...] Eu já morei na favela. Senti muito preconceito! Muito preconceito!”

Janaína: “Falamos que é traficante..., é ladrão...”

(4º Encontro)

Jhonatan: “Um dia tava eu e mais dois moleques [no supermercado] e a gente só tava zoando, né? A gente só foi comprar batata e umas bolachas. A gente entrou, aí veio o segurança, perguntou se a gente tava com alguma coisa, falou pra gente levantar a camisa. Aí a gente não levantamos, né? A gente falou: ‘Você tem alguma prova?’ E nem foi ele; ele falou que foi um cliente que falou que a gente tava pretendendo pegar alguma coisa. [...] A gente tava mal vestido, tava de chinelo...”

(Entrevista)

Janaína: “[Quando olham um jovem pobre, pensam que ele é] Marginal. [...] Pensa que ele não tem nada de bom pra oferecer [...] [Mas] o pobre tem coisa pra expressar, tem uma pá de coisa pra ensinar porque ele passa por muito mais dificuldade!”

(Entrevista)

Percebem-se, no discurso desses jovens, rupturas e reproduções dessa visão pejorativa que se tem dos adolescentes. Em certos momentos, criticam essa imagem que lhes é atribuída, ressaltando a necessidade de abandonar tais estereótipos, como quando redigem o documento com as propostas do Partido dos Adolescentes da Nação, reportando-se à importância de se explicitarem suas virtudes em oposição à desqualificação a que estão sujeitos, salientando que são responsáveis, que possuem “muitas ideias em mente” e desejam “demonstrar que não [são] aborrecentes”.⁶² A esse respeito, acrescentam:

Karina: “Então, quando se fala ‘adolescente’, na cabeça deles, vem tudo isso [a ideia de que são irresponsáveis, displicentes...]?”

Janaína: “Vem, só que eles não pensam nenhum lado positivo, porque tem gente que tem vontade de aprender as coisas, se esforça, mas eles não pensam nisso, só veem pelo lado ruim, só”.

Adriana: “[...] Todo mundo já foi adolescente um dia! Não tem que sair criticando a gente! [...] Não é só o adolescente, revoltado. Tem muita gente revoltada com a vida, revoltada com alguma coisa; não é só o adolescente”.

Janaína: “[...] O que eles falam sobre o jovem não é sério! [...]; eles só sabem falar mal do jovem, não reconhecem ele como humano e, sim, como um animal”.

Tamara: “[...] [O adolescente] pode ter mais responsabilidade que um adulto; [e] tem adulto que tem a mentalidade de uma criança. [...] [E] eles têm que pensar, entendeu, que a gente quer uma coisa pra gente, assim, não ficar aí falando que a gente é marginal, não. Que é isso?”.

(1º e 4º Encontros)

Embora nos trechos citados anteriormente os jovens questionem os estereótipos atribuídos aos adolescentes de modo geral⁶³, em outros momentos, ao falarem de seus pares, reproduzem o discurso até então criticado, enfatizando que muitos adolescentes seriam vândalos e vagabundos. Porém, ao longo de todo o seu discurso, ao fazerem alusão a si mesmos, opõem-

62. Tais considerações também serão abordadas no tópico referente ao “recaído dos jovens para a sociedade: propostas do Partido dos Adolescentes da Nação”.

63. Referindo-se tanto a si mesmos quanto a seus pares.

se a tal categorização, ressaltando características como responsabilidade e seriedade – consideram-se “bons adolescentes”, já que estudam, ajudam os pais e não lhes dão “tanto trabalho”, conforme afirmam⁶⁴. Essa oposição entre a imagem sobre si mesmos e a referente a seus pares é verificada por meio das seguintes afirmações:

Karina: “O que vocês acham disso [que os adultos veem os adolescentes como irresponsáveis ou vândalos]?”.

João: “Isso é um mau juízo que eles fazem de nós!”.

Janaína: “E nem todos os adolescentes são assim. Não é porque um é, que todos têm que ser”.

João: “Depende do adolescente. [...] Eu gosto muito de política, eu faço meus planos pro futuro. Tenho responsabilidade, também”.

Juntos: “Eu sou um bom adolescente!”.

(1º e 2º Encontros)

João: “A maioria dos adolescentes são vândalos!”.

Denis: “É, de 100%, 70 é!”.

João: “Eu me salvo!”.

Janaína: “São poucos [que se salvam] [...] Porque, tipo assim, quando eles saem pra se divertir, eles saem pra ficar arranjando briga com as pessoas. A maioria é assim”.

Adriana: “Eu acho que nesse século XXI os adolescentes são muito folgados! [?] Não pensam em trabalhar, não pensam em fazer nada!”.

(1º e 2º Encontros)

Além de tais considerações, os jovens fazem alusão a diferenças entre gerações, apontando distinções entre valores e costumes difundidos no contexto social em que seus pais estavam inseridos, quando jovens, e os padrões socialmente estabelecidos e vinculados à juventude, atualmente. Em relação a esse aspecto, afirmam que, quando seus pais eram jovens, havia

64. Os alunos apontam distinções entre o “bom adolescente” e o “adolescente ideal”, alegando que o “ideal” seria “perfeito” (o que corresponde ao jovem que “não sai, fica trancado no quarto, lê o dia inteiro”, “só fica estudando”, limpa a casa, “leva o cafezinho na mesa” ...), enquanto o “bom” seria dedicado, obediente, mas que também “gosta de viver a vida dele”, reiterando-se, portanto, a submissão em ambos os modelos apontados pelos jovens.

menos violência na sociedade e a educação (em sentido amplo) era mais rígida e opressora, em comparação à liberdade, inclusive sexual, que existe nos dias de hoje.

Deve-se destacar que, embora os adolescentes mencionem a liberdade sexual na conjuntura atual, notam a falta de diálogo ou discussão acerca desse tema, tanto na esfera particular (em casa, com seus pais), quanto na pública (na instituição escolar, por exemplo).⁶⁵ Ainda a esse respeito, demonstram ter uma imagem romantizada da expressão sexual durante a juventude de seus pais:

João: “Meu pai, quando era adolescente, ele pescava...”.

Denis: “É! Ó as ideia!”.

João: “[Jogava] pedrinha no rio. [Denis: catava cobra]. Catava porco”.

Janaína: “E a violência também [era diferente]. E minha mãe fala que namoro, essas coisas, também; que hoje tá muito avançado”.

João: “Só depois de casar, beijava!”.

Adriana: “Quando eu namorava com seu pai, era eu aqui, ele na esquina jogando pedrinha. Hoje, não. Hoje já querem sair se agarrando!”.

Denis: “E também a educação que eles tiveram antigamente foi mais rígida, né? Não tinha essa liberdade que a gente tem hoje”.

Adriana: “Alguns pais prendem. Minha mãe nunca conversou comigo sobre isso. Graças a Deus que eu tenho uma irmã!”.

(1º Encontro)

Por fim, ao discutir esse aspecto, introduzem questões relativas ao gênero, elucidando diferenças entre valores, papéis e condutas socialmente atribuídos a moças e rapazes. Tais aspectos são debatidos pelos adolescentes, que apontam rupturas e reproduções com relação a estereótipos vinculados ao gênero:

Karina: “E aí também tem diferença entre homem e mulher?”.

Janaína/Tamara: “Teem!”.

Janaína: “Por exemplo, eu, que tenho um irmão [...]; ele é só um ano mais novo, mas só que tem diferença. Por causa que ele trabalha e

65. Poucos, dentre os membros do grupo, se referem à existência de diálogo sobre a sexualidade com seus pais.

tudo, mas só que ele não faz nada em casa. Agora eu que tenho que ficar me matando lá, arrumando a casa. Isso é errado!”.

Adriana: “Tem [casos em que] a menina gosta do cara, se entrega pra ele e aí o cara tá numa rodinha e a menina passa: [...] Era virgem [...], não vale mais nada; é uma vagabunda, agora? Eu já ouvi”.

(4º e 1º Encontros)

Denis: “Eu acho que a mulher é diferente. Sei lá, é mais sensível [João: É mais pura]. Se ilude mais fácil e... se apaixonava muito rápido. [...] Você dá um beijo e ela já quer casar daqui uma semana”.

Adriana: “Eu sou assim”.

Janaína: “Eu não. [...] [Mas] é difícil homem se apaixonar”.

João: “Eu me apaixonei cinco vezes...”

Adriana: “[Os homens acham que as mulheres são como] vaso de cristal, que se cair, vai quebrar, tem que ser cuidadinha. Não se tocam que as mulheres estão tomando conta”.

João: “Eu sou um homem feminista; enquanto os homens estão no poder, ele se acha. Tem algumas mulheres no poder, mas daqui a dois, sete anos, todas vão estar no poder ou, então, igualmente, em comum acordo”.

(1º Encontro)

Ser aluno adolescente

Karina: “Como é, pra vocês, ser um aluno adolescente?”.

Janaína: “É chato!”.

Denis: “É da hora!”.

Adriana: “Você tá na escola, tá pensando ‘Meu namorado ali e eu aqui estudando...’”.

João: “Depende da situação”.

Denis: “É bem legal, aqui você faz seus amigos, brinca pra caramba...”.

Adriana: “Zoa os professores”.

João: “E também depende do aluno. Um aluno ‘cdf’, por exemplo, um bom aluno... pra ele a escola é um saco, ele fica copiando lição durante seis horas, não olha pro lado [...]. Mas para os alunos mais...”.

Denis: “[...] Despojados...”.

João: “[...] Pra eles o dia passa rápido, porque eles fica... fica só fazendo ‘vandalisse’ [...]; conversa, joga cadeira”.

Karina: “Janaína, você tava falando que é chato ser um aluno adolescente. Por quê?”.

Janaína: “Porque eles [professores] cobram muito da gente, muito, muito, muito!”.

(1º Encontro)

Ao serem questionados sobre a condição de alunos adolescentes, esses jovens reportam-se a elementos presentes na experiência escolar na adolescência, destacando o relacionamento entre os alunos (com a valorização dos laços de amizade no ambiente escolar), incluindo referências a momentos de diversão vivenciados nesse contexto. Além disso, fazem alusão à ideia de que lhes são dirigidas muitas cobranças ou exigências por parte dos professores e apontam o distanciamento entre a obrigação do estudo e seus demais interesses (como o namoro, por exemplo). Salientam, também, o desgaste envolvido na vivência da rotina das aulas, intensificado ao se apresentar uma dedicação acirrada aos estudos, como seria o caso dos “bons alunos”, em contraposição ao descaso atribuído aos alunos tidos como indisciplinados e “vândalos”.

Percebe-se que, em relação a esse tema, os jovens reproduzem a imagem socialmente difundida sobre os adolescentes, vinculada ao vandalismo e à violência, associando tais características aos alunos considerados indisciplinados. Assim, demonstram uma visão do *aluno adolescente* calcada na articulação entre *indisciplinada* e *vandalismo*. A ideia de que muitos dentre os jovens alunos são vândalos também pode ser observada por meio do seguinte trecho:

João: “A maioria dos adolescentes são vândalos”.

Karina: “Vocês concordam? Vocês acham que tem muitos adolescentes que são vândalos?”.

Cristina: “Na escola, sim”.

João: “Vândalo [são] as pessoas que jogam uma carteira, uma cadeira pela sala [...], aqueles que atrapalham a aula, tiram a paciência do professor”.

Cristina: “Pichar, também. Pichar o muro”.

Jhonatan: “Pichar carteira”.

João: “Roubar”.

(2º Encontro)

Um dos jovens acrescentou a questão da marginalidade, alegando que alguns alunos tidos como indisciplinados seriam futuros traficantes: “Tem gente que vem [pra escola], igual ao... e o... [alunos]; eles vêm só pra zoar! Mas eles são os futuros mendigos ou traficantes! Alguns deles, eu tenho certeza!” (Tamara e João, 4º Encontro). A imagem e os estereótipos associados à condição de alunos adolescentes consiste em um relevante aspecto a ser abordado ao longo de todo o capítulo em questão.

Em contraposição à visão sobre os alunos indisciplinados e vândalos, os jovens apresentaram sua concepção acerca dos considerados “bons alunos”, além de se reportar à caracterização do “aluno ideal”. Segundo os adolescentes, o aluno ideal seria o que se dedica com afinco aos estudos, realizando as atividades propostas com intensa concentração, sem conversar com os colegas durante a aula. Um bom aluno empenha-se em estudar, realizando as tarefas solicitadas, porém, embora não seja ‘indisciplinado’ (ou não faça “bagunça”, como afirmam), conversa, ocasionalmente, com os colegas na sala de aula. Ao enfatizar a ideia de que, além de ser disciplinado, o aluno deve demonstrar interesse pelas aulas, os jovens apontam este último atributo como prioritário para a caracterização de um bom aluno:

João: “[O aluno ideal] é aquele que só faz lição...!”.

Jhonatan: “Aluno bom é aquele que conversa, faz a atividade, o trabalho [...]. Um comportamento bom é não bagunçar, fazer o dia a dia da lição...”.

João: “Tem aluno que é bom, mas, por causa dos outros alunos, fica ruim, aí o outro fica pior ainda. Daí a sala inteira já tá jogando carteira um no outro!”.

(2º e 4º Encontros)

Evaristo: “[Pra ser um bom aluno] é só ter interesse. Não adianta ser quietinho e não ter interesse”.

Jhonatan: “Ter interesse nas aulas, no professor...”.

João: “Isso quer dizer que se eu quero brigar com todo mundo, bater em todo mundo e for interessado e prestar atenção na aula, eu vou ser um bom aluno?”.

Denis: “Vai. Ele só vai ser um antissocial, mas vai ser um bom aluno”.

Tamara: “Vai ser aquele centro das atenções. É o cara que bate em todo mundo: ‘Ó, não olha pra ele, que ele vai te dar um soco’ [...] Vai ser o cara popular, igual esses filminhos que eu assisto na ‘Sessão da Tarde’”.

(4º Encontro)

Outro aspecto apontado consiste na distinção entre a experiência escolar na adolescência e na infância ou vida adulta ou, mais especificamente, na oposição entre ser aluno adolescente e ser aluno criança ou adulto. Os jovens alegam que a experiência escolar na infância é prazerosa e lúdica, e que a relação entre professores e alunos se estabelece de forma mais harmoniosa que na adolescência, já que os professores tratam as crianças com respeito, carinho e atenção (ao invés de xingar ou maltratar, como fazem com os adolescentes, tal como afirmam), ao passo que as crianças também os respeitam:

Janaína: “Aluno criança, eles [professores] dão mais atenção. Eles não ficam maltratando (porque, às vezes, eles ficam maltratando [os adolescentes], assim). Eu acho que era melhor [ser] aluno criança. [...] Se eles [...] maltratar, as crianças chamam a mãe e dá o maior barraco na escola”.

Evaristo: “Com os alunos crianças, eles [professores] sabem que têm que ter respeito, não vai intimidar, se o aluno tá conversando, não vai xingar”.

Jhonatan: “A criança respeita mais o adulto do que o adolescente. [...] É mais frágil perto do adulto. O adolescente já é mais forte. Aí, a criança, tipo, fica com medo, né? [...] O adolescente já não; [...] se o adulto levanta a voz, ele levanta também! [...] Os professores [...] tratam [os alunos crianças] com mais carinho...”.

(Entrevistas)

João: “Com criança, eles [professores] iam ser mais meigos”.

Jhonatan: “Se fizessem bagunça, iam só dar uns tapinhas no bumbum e mandavam sentar”.

João: “Se jogasse uma carteira no professor, ele: ‘Você é um menino mau; eu vou falar pra sua mãe!’ [falando baixinho, sem gritar]”.

Cristina: “[Professor] pensa que criança não entende [não tem consciência do] que faz.”

João: “[Então] trata bem! Dá docinho, até... dá doce, dá bala.”

(2º Encontro)

Adriana: “Muda tudo! Muda a relação ente o aluno e o professor, o professor acha que... [...] que você [adolescente] é vândalo, essas coisas. E da criança, não vai pensar isso [...]. Quando eu vejo uma criança, eu falo: ‘Ai, que bonitinho!’: Ninguém vai falar pro adolescente: ‘Ai, que adolescente bonitinho!’”.

(Entrevista)

Nesse último trecho, uma aluna introduz a questão da imagem atribuída (pelos próprios jovens) às crianças, em oposição àquela pejorativa, associada aos adolescentes. Em relação a esse aspecto, os jovens fazem alusão à ideia de que, durante a infância, os alunos são inocentes, ingênuos e serenos, porém, ao ingressar na adolescência, ‘aprendem’ a ser ‘indisciplinados, maliciosos e maldosos’ – evidenciando-se, assim, o caráter moralista de suas proposições. Os alunos acrescentam:

Denis: “Era legal, porque criança tem inocência [...] não era tão pesado o clima que nem aqui [...]. Não tem briga... Brigou, fica de mal do outro; aqui, não. [...] [O professor] chama atenção uma vez só..., ela já se toca. [...] Se [a criança não for boazinha], também, é muito mais fácil fazer ela ser um bom aluno, do que um adolescente [...] Porque é mais inocente, não tem muita maldade que nem o adolescente [...], [que] fala do erro dos outro, taca giz nos outro. Criança não tem isso. Na primeira série, você não vê ninguém tacando giz no outro, apagador nos outro. [...] Elas são disciplinadas porque não aprenderam a ser indisciplinadas. Ai, depois aprende, todo mundo aprende; não tem como fugir do mal desse mundo aqui!”.

(Entrevista)

João: “Era muito louco! Você ainda não tinha malícia, era inocente, des preocupado, não tava nem aí com a vida, só pensava em brincar. [...] [O professor] vê uma criança falando palavrão: ‘Ah, que bonitinho, que fofo!’: Se vê um adolescente: ‘Ó, moleque, cala a boca! Vou passar sabão na tua boca!’: Tem uma [...] enorme diferença! O professor

gruda em você, no aluno adolescente [...]; você tá lá sentado e fala bem baixo: ‘Não vou fazer a lição’. Ai ele vem: ‘Não vai fazer a lição? Tchau, vai embora!’ Ai, você tá escrevendo, a sala inteira conversando, ele chega: ‘Negô, pra fora!’; o professor fica na tua cola!”.

(Entrevista)

Percebe-se, nesse conjunto de depoimentos, uma idealização presente no discurso dos jovens, da experiência escolar e, inclusive, da relação professor-aluno, na infância. A esse respeito, deve-se ressaltar que, ao serem questionados sobre seu histórico escolar, a maioria dos alunos afirmou não se lembrar da experiência de processo de escolarização na infância, recordando-se, a princípio, apenas dos anos posteriores ao ingresso na quarta série do Ensino Fundamental.

Ao contrapor a vivência escolar na adolescência à da vida adulta, os jovens consideram que a interação entre professores e alunos adultos é calcada no respeito e no diálogo, em oposição ao vínculo estabelecido com alunos adolescentes.

João: “Se professores forem dar aula pra adulto, ia ficar conversando com o adulto. Porque eles, adultos, têm conversas”.

Tamara: “Com os adultos tem mais respeito porque os adultos já podem dar na cara. Falou mais alto, o bicho pega! E com a gente, não... Acho que a gente é muito besta! Engole as coisas...”.

(2º e 3º Encontros)

Adriana: “Tem professores que faltam com respeito [com os adolescentes]. Pensam assim: ‘Porque é adolescente, vou falar, mesmo!’.”

Se fosse pessoa mais velha que tivesse ali sentado, duvido que falasse!”.

João: “Se fosse um adulto, por exemplo, de 30 anos, que pegasse a cadeira e jogasse, o professor ia dar risada!”.

(1º Encontro)

É interessante notar que o mesmo argumento utilizado anteriormente por um jovem para justificar a não submissão dos alunos adolescentes aos professores (referente à ideia de que aqueles revidariam as ofensas proferidas por estes) é usado, nesse trecho, por outra aluna, a fim de sustentar uma afirmação oposta (de que os jovens se submeteriam, “engolindo” tais acusações por parte dos professores).

Outro aspecto relativo à condição de jovens alunos se associa à questão do trabalho na adolescência.⁶⁶ Ao fazer alusão a esse tema, os alunos destacam alcances e limites implicados na busca por se conciliar o trabalho ao estudo. Quatro, dentre os oito participantes da pesquisa, declararam que estavam trabalhando ou já o haviam feito, exercendo funções como as de atendente em videolocadora, garçons ou garçonetes, ou confeccionando bijuterias. Esses jovens salientam as vantagens de se trabalhar, reportando-se à aquisição de independência, responsabilidade e experiência, e alegam que seu emprego não prejudica os estudos (ou vice-versa), já que reservam um tempo do dia para realizar as atividades da escola. Porém, em seu discurso, evidenciam a dificuldade e o desgaste que também podem estar envolvidos no empenho em se conciliar esses dois compromissos:

Adriana: “Acho que eu me sinto valorizada! Trabalhar e estudar não é qualquer um que leva! E não é meu primeiro emprego; eu já trabalhei como garçonete, saía meia-noite de lá pra acordar às seis horas. Eu tava aguentando muito bem, só que eu tava achando que tava me atrapalhando muito aqui na escola, aí saí e arrumei esse outro [...] que é das duas e meia às sete horas da noite”.

(Entrevista)

Tamara: “[...] Eu faço o possível pra tirar a melhor nota! O possível, mesmo! Nossa, quando eu chego em casa, saio do serviço nove horas [...], chego em casa quase dez e meia, sozinha, à noite... me dá um medo...! Chego à noite, cansada, minha avó afobada, meu pai... eles perguntam como foi o serviço... Você já não consegue dormir, mesmo. Ai tem trabalho [da escola] pra mim fazer, acabo dormindo tarde, às vezes eu nem durmo, quando eu olho já é cinco horas,... não dá tempo nem de deitar na cama, já tenho que ir pra escola e estudar”.

(Entrevista)

Por fim, expressam suas expectativas em relação ao futuro, referindo-se à intenção de seguir carreira política, militar (na Aeronáutica ou no Exército) ou ser policial, fazer faculdade de Direito, Turismo, Odontologia, Educação Física, Veterinária, Biologia ou Medicina, além de curso de Fotografia ou de

66. Assunto abordado no início do capítulo.

Dança. Alguns alunos apresentam ideias vagas ou indefinidas a respeito de uma escolha profissional, explicitando o distanciamento entre essa tomada de decisão e sua concretização:

Karina: “O que você espera do seu futuro?”.

Denis: “Se eu não seguir carreira militar na Aeronáutica, vou fazer Direito e virar juiz ou vereador [...]. [Penso em terminar o terceiro colegial e] me alistar; se eu seguir carreira, vou ser major. Senão, vou fazer faculdade, né?”.

Karina: “Então, se você for seguir carreira política, você pensa em fazer faculdade de Direito?”.

Denis: “Pra me aprimorar, pra saber como posso me atacar, como posso me defender, porque a maioria dos partido é tudo punido porque fez o que não podia pela lei tal, tal, tal. Se eu fizer Direito, não vou cometer esses erros”.

(Entrevista)

João: “Físico nuclear. Não, não é uma boa... Eu prefiro ser analista de sistema”.

Karina: “E o que precisa pra ser analista de sistema?”.

João: “Não sei... Ou então ser professor de Educação Física ou mecânico; mecânico ganha cinco mil! [...] Eu só quero ser uma coisa que não precisa de faculdade! Vocalista de uma banda! Pronto! Perfeito!”.

Karina: “E tá livre...?”.

João: “Não. Precisa estudar as cordas vocais!”.

João: “You fazer um curso de anatomia [pra ser professor de Educação Física]. [?] [...] Se não existir [esse curso], aí, vamo entrar na faculdade”.

Karina: “E o que precisa pra entrar na faculdade?”.

João: “A primeira coisa é ter dinheiro e o resto minha mãe que sabe. Vou perguntar pra ela”.

(3º Encontro e Entrevista)

Karina: “O que você espera do seu futuro?”.

Jhonatan: “Ah, não sei!”.

Karina: “Tá longe, ainda?”.

Jhonatan: “Tá!”.

(Entrevista)

De modo geral, os jovens referem-se à ideia de estudar em faculdades particulares, conciliando o trabalho e o estudo, a fim de viabilizar seu pagamento, bem como fazer cursos técnicos ou profissionalizantes, visando a um futuro emprego. Ao abordar esse tema, apontam obstáculos implicados no processo seletivo para ingresso em Universidades públicas, tais como o acesso ao ensino de melhor qualidade ou a uma formação mais ampla (com cursos complementares à grade escolar), de alunos que pertencem a famílias com maior poder aquisitivo, em detrimento dos de classes populares:

Denis: “[...] Eles [que têm dinheiro] estudaram mais que a gente; por exemplo, na nossa idade, já fizeram curso de inglês, espanhol [...] [E] a escola deles é paga, né? [Melhor]...”

Tamara: “Mas [...] a gente também pode cursar [uma faculdade pública]. Eu sei que é difícil, entendeu? [...] Um amigo do meu pai já estudou em escola pública e conseguiu. Tem que ralar muito, tem que estudar pra caramba!”

(3º Encontro)

Janaína: “Preciso ter um trabalho, pra mim poder pagar [a faculdade], que é muito caro. Turismo é 500 e pouco [reais] [...]; é mó caro!”

Tamara: “Eu espero uma coisa boa..., melhor. [...] Como eu trabalho, eu divido uma parte do dinheiro pra mim gastar e outra pra mim guardar. [...] Quando falam: ‘Nossa, Tamara, tá cedo, ainda!’, eu falo: ‘Não, gente, é bom guardar um dinheiro agora porque é uma possibilidade que você vai ter de entrar numa faculdade’. [...] Eu vou tentar na USP [...]; acho que vai ser meio difícil conseguir entrar. [...] Mas aqui tem faculdades [particulares] ótimas [...]; vou tentar entrar numa...”

(Entrevistas)

João: “Eu prefiro fazer o curso do Senai que eu fiz, agora vou fazer o técnico [...]. Se você sair com diploma de lá, você consegue trabalho em qualquer lugar, também. [...] Eu tô fazendo o curso [...] de mecânica; fiz agora a prova pra saber se vou fazer o de caldeireiro, porque quanto mais curso eu fizer, mais difícil ficar desempregado”.

(3º Encontro e Entrevista)

Relação com demais participantes do contexto escolar

Relação com professores

Karina: “Que imagem vocês acham que os seus professores têm de vocês, alunos adolescentes?”

Janaína: “Acho que eles pensam que nós como tudo uma merda!”

João: “Se pudesse, jogaria todos nós no inferno!”

Karina: “Por quê?”

Janaína: “Por causa que a maioria fica faltando com respeito com os professores. Alguns, nem todos”.

João: “Porque eles, ao invés de ver a nossa imagem, de cada um, eles vêem a imagem de todos. Se todos são ruins, nós tamos no meio”.

Denis: “Se tipo, entre nós quatro, um é bom e três é ruim...”

Janaína: “O outro que é bom vai ser [visto como] ruim, também”.

João: “Péssima imagem! [...] Porque eles tão sentados aqui e o Denis ali; e o Denis levanta e joga uma cadeira. O professor vai olhar:

‘Esses alunos! Esses alunos, meu Deus do céu... são vagabundos!’”

Adriana: “Têm professores que falam que aluno adolescente é revoltado”.

(1º Encontro)

Segundo os entrevistados, os professores apresentam uma visão pejorativa sobre os alunos adolescentes, considerando-os vagabundos, rebeldes, agressivos e, reproduzem, portanto, os estereótipos socialmente vinculados aos jovens, com base em atitudes de desrespeito ou de indisciplina apresentadas em sala de aula, por alguns discentes, conforme enfatizam.⁶⁷

Um relevante aspecto a ser ressaltado em relação a essa imagem consiste na ideia apresentada pelos jovens de que alguns professores demonstram sentir medo dos alunos adolescentes. Em seus discursos, associam esse medo à imagem sobre os estudantes tidos como vândalos, marginais ou violentos. Assim, afirmam que os professores se sentem ameaçados por seus alunos, com receio de serem agredidos ou violentados. De acordo com os depoimentos a

67. É interessante notar que, nesse trecho, os adolescentes também reproduzem essa visão depreciativa acerca de seus pares, reportando-se aos alunos “ruins”, cujas atitudes seriam generalizadas pelos professores.

seguir, os professores que demonstram medo são os também considerados maus docentes – cuja relação com os alunos se estabelece de forma truncada, calcada em estereótipos, desrespeito e descrença:

Janaina: “Tem alguns [professores] que têm muito medo [dos alunos]!”

Karina: “Você acha que eles têm medo do quê?”

Janaina: “Sei lá, de alguém bater neles, esses negócio..., por causa do vandalismo. Acho que eles têm medo de um aluno, por exemplo, assaltar a casa deles..., sei lá”.

(Entrevista)

João/Janaina: “[Medo] de morrer!”

Karina: “Medo por quê? Acham que vocês são o quê?”

João: “Marginais! Bandidos!”

Denis: “Maconheiro!”

Jhonatan: “Ladrão. [...] Trombadinha!”

(3º Encontro)

João: “A [professora de ‘x’ matéria], se você chega nela e fala: ‘Aí! Se você não me der dez conto e cinco [notas] ‘A’ no semestre, eu te mato’. Ela pega a carteira, te dá cem conto, te dá sete ‘A!’”

(1º Encontro)

Karina: “E como os alunos reagem quando percebem que o professor tá com medo?”

Tamara: “A gente tira mó sarro deles! [...] Porque a gente fala zoando e eles levam na base do sério!”

(3º Encontro)

A aluna citada anteriormente descreve uma cena que ilustra a relação entre professores e alunos atravessada pelo medo e pela ameaça, apoiados nessa imagem estereotipada sobre os jovens alunos:

Tamara: “[...] A [professora de ‘x’ matéria] falou que ia ligar pra minha mãe, eu falei: ‘Se a senhora ligar, pode ligar, mas eu vou lá na diretoria e falo que a senhora me xingou de ladra’. [...] [Ela] xingou, mesmo! Eu fui lá e falei pra dona Simone [coordenadora]: ‘[...] Ou você tira essa batatona aí da sala ou eu vou matar ela!’ [Risos]. Aí, cheguei na sala e falei: ‘Toma cuidado comigo, hein? Quando ver um corpo

gordo boiando no Rio Tietê é a senhora que vai tar boiando’. Aí ela: ‘Você tá me ameaçando?’, ‘Eu não só ameaço, eu faço!’ . Nunca mais ela me xingou. [...] Até hoje ela tem medo de mim! Ela olha assim pra minha cara meio desconfiada... eu falei: ‘Não fala comigo, não!’”.

(Entrevista)

Os adolescentes também fazem alusão à falta de respeito que permeia a relação professor-aluno, descrevendo situações em que xingamentos e palavrões são proferidos por professores, além de cenas de agressão e humilhação. Ocasões em que os alunos desrespeitam e agridem os professores também são destacadas pelos jovens: “O aluno com o professor, hoje em dia, pelo menos, não tem mais respeito, bate em professor, briga, ignora. Professor não tem o respeito que tinha antigamente” (João – Entrevista)⁶⁸.

Outro aspecto importante a ser enfatizado consiste nas ideias apresentadas pelos alunos em relação aos critérios utilizados por estes para avaliar os professores. Os jovens referem-se aos que consideram bons professores, ressaltando como virtudes o fato de que eles impõem limites e mantêm a ordem em sala de aula (ou seja, têm autoridade) e são didáticos, empenhando-se em transmitir o conteúdo ministrado e demonstrando interesse em que os alunos o assimilem; que investem, portanto, no processo de ensino-aprendizagem, propondo atividades que incitem o estudo e esclarecendo as dúvidas dos alunos⁶⁹.

Além disso, enfatizam que os bons professores “entendem os adolescentes” e estabelecem uma relação em que estão presentes o respeito mútuo e a crença no potencial dos jovens alunos. É interessante notar que, ao se reportarem à imagem que os bons professores apresentam sobre os alunos adolescentes, alegam que esses docentes consideram

68. Tais situações serão apontadas no tópico sobre “considerações e sentimentos relativos ao dia a dia escolar”.

69. Os jovens mencionam, também, a bons professores, que demonstram prazer em dar aula, fazendo-o mais por opção que por necessidade, o que consiste em um aspecto valorizado pelos alunos: “[Para melhorar a qualidade do ensino, deveria] Pôr bons professores na escola, que realmente estejam interessados em ensinar! Como o [professor de ‘y’ e de ‘z’] [...] Ela dá aula porque ela gosta! De coração, de alma! [...] Porque ela não precisaria trabalhar!” (João – Entrevista e 3º Encontro).

alguns jovens 'vândalos', porém, acreditam em seu potencial: "[Eles acham] que alguns [alunos] são vândalos; mas alguns!"/ 'Na verdade, eles acham que uns alunos são vândalos, mas têm conserto'" (Jhonatan e João - 2º Encontro). As ideias expostas anteriormente podem ser ilustradas por meio das seguintes afirmações:

Adriana: "O professor Vanderlei, ele é assim: quanto mais você souber, mais ele quer que você saiba".

Denis: "Ele é o cara! Esse é o professor mais respeitado".

Karina: "E como ele consegue esse respeito?"

Adriana: "Ele dá respeito pra gente, não ofende ninguém".

João: "Ele põe ordem na sala. [...] Ele tem uma cultura muito grande também [...]; ele passa uma segurança".

(1º Encontro)

Cristina: "O professor bom é aquele que também se dá bem com o aluno, né? Que respeita o aluno, que tem respeito...; que entende o adolescente...".

Adriana: "[...] Ele é um bom professor, ele manda o aluno ir na frente pra falar o que não entendeu, passa pesquisa, manda você explicar o que você pesquisou, passa muita leitura...".

(Entrevista)

Karina: "O que você acha que daria pra ser feito pra melhorar a qualidade de ensino?"

Janaína: "Acho que era professores com mais capacidade, como o [professor de 'y'], assim. Nós vamos ter o SARESP, aí ele já tá ensinando a gente como é pra fazer. Vai ter muito esse negócio de leitura, vai ter texto, aí a gente tem que responder uma pá de pergunta sobre o texto. Ele já tá ajudando a gente, já tá explicando pra gente poder passar. Acho que devia ter professor igual a ele. [...] Ele fala assim: 'Quando você for prestar algum concurso, vai cair isso'; ele ajuda bastante!".

(Entrevista e 1º Encontro)

Os adolescentes estabelecem também uma distinção entre um bom professor (que se empenha em ensinar) e um professor "bonzinho" ("legal")

ou permissivo: "O [professor de 'y'] é chato, mas explica bem"/ 'Por isso que ele tem respeito, porque ele é chato! O [de 'x'] tentou ser legal e ficou daquele jeito... [...] Geralmente o mais chato é o que explica melhor'" (Jhonatan e João - 2º e 3º encontros).

Pode-se concluir que os alunos consideram maus professores os que não explicam bem a matéria, demonstrando certo descaço com a transmissão e a assimilação do conteúdo por parte dos alunos. A falta de critérios para avaliação, e o fato de não apresentarem uma postura firme, com autoridade em sala de aula, desrespeitando os estudantes e sendo, por estes, desrespeitados são outros fatores que contribuem para essa caracterização.

Tamara: "Ela passa na lousa e nem explica nada! Então, todo mundo copia e no outro dia sabe que vai ter a correção, mesmo! Aí todo mundo copia, ela dá nota, ela vai dando nota..., ela nem explica!".

(Entrevista)

Cristina: "[Um mau professor] é aquele que não explica bem, que tanto faz, como tanto fez... Se o aluno entendeu, entendeu; se não entendeu, vai ficar sem entender".

João: "[...] São aqueles que não respeita e dá muita liberdade pro aluno. [...] No primeiro dia de aula, ele [professor] falou: 'Primeiro dia, não tem aula'. Daí, ficou nessa por uma semana! Aí, depois ele passou lição na lousa, ninguém copiava... todo mundo começava a jogar coisa nele! Ele não tá nem aí!".

Cristina: "Marca prova sem...; 'Amanhã vai ter prova! Não quer nem saber se a gente entendeu a lição!'".

Jhonatan: "Outro dia ele mandou fazer uma prova e, assim que eu acabei, ele colocou 'E'. 'Por que você colocou 'E'?' 'Porque você merece!'".

(2º Encontro)

É interessante notar que, nas entrevistas realizadas com os educadores, aqueles criticados pelos alunos reproduzem a visão pejorativa sobre os adolescentes, associada à ideia de que seriam revoltados (ou rebeldes) e displicentes, além de enfatizar o desgaste e a falta de esperança no processo educativo com os jovens. Por outro lado, os educadores valorizados por esses alunos não lhes vinculam uma imagem depreciativa e explicitam, em seu

discurso, o prazer em trabalhar com adolescentes, demonstrando carinho e crença em seu potencial.

Relação com diretora e coordenadora

Tamara: “Todo mundo gosta da Simone [coordenadora]! Se fizesse uma pesquisa pra mudar a diretora, com certeza a escolhida ia ser a Simone. Porque ela ouve a gente, entendeu? Ela dá vários conselhos [...] Mas a diretora, mal vem aqui pra escola. Quando vem, só quer dar uma de autoridade...”

João: “[Ela é meio arrogante.*] [...] [E] quando eu fui pra diretoria porque briguei com... [um aluno], ela olhou pra minha cara: ‘Ah, você tem maior cara de marginal!’”

Tamara: “Ó, tá vendo?”

(3º [*e 1º] Encontro)

Cristina: “[...] A Simone entende os alunos. Ela acompanha a gente, tipo assim [...] ajuda a gente. [...] Ela tem paciência”.

Janaina: “Ela ouve!”

João: “[...] É aquela pessoa que se você abraça ela, ela te abraça de volta, você beija ela, ela te beija de volta”.

Adriana: “[...] Ela brinca com todo mundo, fala de igual pra igual!”.

(1º e 2º Encontros)

Ao se referir à sua relação com a coordenadora e com a diretora, os alunos evidenciam, novamente, a importância de serem ouvidos. Consideram que a diretora (Tereza) apresenta uma postura autoritária, além de estar ausente e distante dos alunos. Durante os encontros em grupo, alguns adolescentes demonstraram não saber quem era a diretora da escola – uns afirmaram pensar que seria Simone (coordenadora) e outros também não sabiam seu nome.

Em contrapartida, valorizam a relação estabelecida com a coordenadora (Simone), marcada, segundo os adolescentes, pela presença, escuta, compreensão, suporte e carinho. Os alunos sentem-se ouvidos e acolhidos por Simone, que representa para eles uma importante fonte de apoio (alguém a quem podem recorrer) e que é uma figura de referência para os estudantes no contexto escolar.

Relação com funcionários

João: “O Paulo [inspetor de alunos] é legal!”.

Janaina: “A Taís [inspetora de alunos] tem um jeito chato. Ela não fala meu nome, já fala brigando!”.

João: “A Taís é a única funcionária que não é uma boa funcionária, quer dizer, não é muito legal. Tipo, quando eu fui buscar a caixa de som lá embaixo, aí cada vez que encontrava com ela: ‘Vai pra sua sala! [...] Vai agora pra sua sala! Tchau! Some!’”.

Adriana: “Ela fala com arrogância!”.

João: “Agora o Bento [porteiro] é muito legal!”.

Demis: “Ele é legal...; que ele conhece a escola inteira!”.

(1º Encontro)

Ao serem questionados sobre a relação entre funcionários e alunos, os jovens referem-se aos inspetores de alunos (Paulo e Taís) e ao porteiro da escola (Bento). Em seu discurso, os adolescentes valorizam o vínculo estabelecido com Paulo e Bento, que se relacionam com esses alunos de forma amistosa e mantêm um contato cordial com os demais participantes do contexto escolar. No entanto, criticam o modo pelo qual a inspetora de alunos interage com os estudantes, afirmando que esta apresenta uma postura autoritária e arrogante.

Assim, percebe-se, novamente, a valorização, por parte dos jovens alunos, do afeto e da cordialidade, em oposição ao autoritarismo, nas relações que constituem o ambiente escolar.

Relação com os pais

João: “Meus pais, pelo menos, só vêm na reunião de pais”.

Karina: “E como é essa reunião de pais, o que acontece?”.

João: “Os professores falam tudo o que tem que falar dos alunos [se é um bom ou mau aluno]”.

Karina: “E seus pais conversam com vocês depois da reunião...?”.

Jhonatan: “Conversa, não; reclama! [...] Minha mãe repete tudo o que o professor fala que eu faço: que o problema é o comportamento”.

(2º Encontro)

De acordo com os adolescentes, a participação dos pais no contexto escolar se limita a visitas à escola, quando convocados pela diretora, a fim de tratar de algum assunto a respeito dos alunos em particular, ou durante as reuniões entre pais e professores. Diante de tais situações, o contato entre esses participantes consiste em exposições, por parte da diretora ou dos professores, sobre o rendimento ou o comportamento dos estudantes na escola. Segundo os jovens, geralmente, após a realização dessas reuniões, os pais conversam com os filhos, reproduzindo o discurso proferido pelos educadores.

Percebe-se que, nesse modelo apresentado, a interlocução ocorre entre pais e educadores e, assim, os alunos são objetos e não sujeitos da discussão. Inclusive, em tais espaços, é favorecida a versão dos educadores sobre o tema em questão (“os professores falam”), que é reproduzida pelos pais, ao invés de se efetivar uma discussão que envolva a escuta das diferentes versões (de pais, educadores e alunos) sobre o processo de escolarização.

A relevância de propiciar-se um espaço de comunicação entre esses participantes no contexto escolar, em que se efetive tal diálogo, é apontada pelos jovens alunos, que propõem a realização de discussões entre professores, pais e alunos, em que estes exponham sua visão (com críticas e propostas) sobre o processo educacional, abrangendo o debate sobre o comportamento dos alunos, a qualidade de ensino e a relação professor-aluno.⁷⁰

Relação entre os jovens alunos e seus pares

Janaína: “[Alegria na escola é] Conversar com os amigos”.

João: “Pra mim, alegria [na escola] é ter aquele seu amigo diário, mano! [...] Os namoros...”

(3º Encontro)

Karina: “Como é a relação aqui, entre vocês, alunos adolescentes?”.

João: “Depende do aluno. Se for folgado, minha relação é de dar porrada! Se for um aluno legal, eu tenho uma boa atitude com ele,

converso com ele, ajudo ele. Tipo, eu nunca vou deixar um amigo na mão”.

Cristina: “Tem muitos adolescentes aqui na sala que pensa que manda aqui na escola... vamos suport, que acha que é o melhor da escola, então, pode mandar: ‘Me espera na saída, que vou te catar...!’”.

Jhonatan: “[Os alunos se relacionam] com muita intimidade [...], assim, de brincar, faz montinho, dá tapinha na bunda, fica abraçado”.

Karina: “E aí, no intervalo, o que acontece entre os alunos?”.

João: “Depende; os alunos que brigam, muita gente passa quieto. Todos, todos têm seu grupo...”.

(2º Encontro)

Os laços de amizade entre os alunos e os relacionamentos amorosos consistem no aspecto mais valorizado pelos jovens no contexto escolar⁷¹. Os adolescentes referem-se à cumplicidade entre os alunos que se agrupam, e são companheiros e solidários entre amigos e parceiros, assim como às disputas e brigas entre colegas.

Ao fazer alusão a seus pares, os jovens alunos expõem uma imagem pejorativa sobre estes, considerando-os indisciplinados, displicentes, vândalos e irresponsáveis, reproduzindo, portanto, essa visão que lhes é socialmente atribuída: “[Tem] gente que não quer nada com nada, sobe em cima da cadeira, fica zoando, quebra a lâmpada, cospe, [...] assim, na cara de pau... e ninguém faz nada!” / “[O aluno] ficou grande, não respeita mais os alunos, os professores, os diretores” (Tamara e Cristina – 4º Encontro e Entrevista).

Enfim, segundo os adolescentes, alunos desrespeitam e são desrespeitados, humilham e são humilhados, agridem e são agridos. Situações que ilustram esses elementos serão apontadas a seguir, no próximo tópico.

Considerações e sentimentos relativos ao dia a dia escolar

Karina: “E como é o dia a dia da escola aqui na oitava série?”.
Janaína/Evaristo/Denis: “Zoeira!”.

71. Esse aspecto também será apontado no próximo tópico, referente às “considerações e sentimentos relativos ao dia a dia escolar”.

70. Tais ideias serão explicitadas no tópico sobre “Críticas e propostas referentes à educação escolar”.